

## Dar voz à mente: um avistar sobre a especialidade de Enfermagem de Saúde Mental e Psiquiátrica (finais do século XIX)

### Giving Voice to the Mind: a Sightseeing over Mental Health and Psychiatric Nursing (Late 19<sup>th</sup> Century)

---

ANALISA CANDEIAS

Universidade do Minho, Escola Superior de Enfermagem. Campus de Gualtar, Rua da Universidade, 4710-057 Braga, Portugal.

[acandeias@ese.uminho.pt](mailto:acandeias@ese.uminho.pt)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9620-163X>

LUÍS SÁ

Universidade Católica Portuguesa, Instituto de Ciências da Saúde. Rua de Diogo Botelho 1327, 4169-005 Porto, Portugal.

[lsa@porto.ucp.pt](mailto:lsa@porto.ucp.pt)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9687-413X>

ALEXANDRA ESTEVES

Universidade do Minho. Campus de Gualtar, Rua da Universidade, 4710-057 Braga, Portugal.

[alexandraesteves@ics.uminho.pt](mailto:alexandraesteves@ics.uminho.pt)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0660-9485>

Recibido/Aceptado: 21-XII-2020/05-XI-2021

Cómo citar: CANDEIAS, Analisa, SÁ, Luís y ESTEVES, Alexandra, “Dar voz à mente: um avistar sobre a especialidade de Enfermagem de Saúde Mental e Psiquiátrica (finais do século XIX)”, en *Investigaciones Históricas, época moderna y contemporánea*, 41 (2021), pp. 699-726.

DOI: <https://doi.org/10.24197/ihmc.41.2021.699-726>

**Resumen:** El objetivo de este trabajo es identificar las responsabilidades del enfermero durante el siglo XIX en el Hospital de Rilhafoles, Hospital de Alienados do Conde de Ferreira y en la Casa de Saúde do Sagrado Coração de Jesus, instituciones de asistencia para los enajenados. Estas responsabilidades incluían la vigilancia y la aplicación de terapias, como alimentación, contención o hidrotterapia, y los enfermeros debían proceder con gentileza, paciencia y compasión. La Enfermería Psiquiátrica y de Salud Mental en Portugal presentó un gran desarrollo a lo largo del siglo XX. Sin embargo, la evolución de la psiquiatría en el país por el siglo XIX permitió la conversión de los enfermeros que trabajaban en estos espacios asistenciales en precursores de este mismo desarrollo.

**Palabras clave:** Historia de la enfermería; Salud mental; Psiquiatría; Enfermos mentales.

**Abstract:** The main purpose of this work is to identify the responsibilities of nurses, during the 19th century, at Hospital de Rilhafoles, Hospital de Alienados do Conde Ferreira and at Casa de

Saúde do Sagrado Coração de Jesus, assistance institutions for the alienated. These responsibilities included surveillance and the application of therapies, such as feeding, containment or hydrotherapy, having the nurses to proceed with gentleness, patience and compassion. Mental Health and Psychiatric Nursing in Portugal presented a great development throughout the 20th century. However, the evolution of psychiatry in the country during the 19th century allowed nurses who were working in these assistance spaces to become precursors of that same development.

**Keywords:** History of nursing; Mental health; Psichiatria; Mentally ill persons.

**Sumário:** Introdução. 1. Traçando os Percursos e Percorrendo os Cenários. Conclusão. Fontes Impressas e Manuscritas & Referências Bibliográficas.

---

## INTRODUÇÃO

Falar do passado dos cuidados à mente é falar de uma longa história associada ao transcendente, ao medo ou ao incompreensível. Ao longo dos séculos, o homem tentou controlar o inexplicável e, se por um lado o foi transformando em algo místico, por outro foi escondendo determinadas bizarras que cunharam o lado enigmático desses tais cuidados. O sobrenatural faz parte da história da saúde em geral - é um facto que não deve ser esquecido. Ainda assim, o sobrenatural foi acompanhando de muito perto o desenvolvimento da saúde mental e da psiquiatria, mesclando-se com discursos pouco coerentes, imagens de imoderação e comportamentos considerados desviantes.

Veja-se o exemplo do mito, utilizado para a explicação de fenómenos naturais que traziam um desequilíbrio às sociedades<sup>1</sup>, e que foi igualmente associado à manifestação da doença mental. A patologia era explicada como uma revelação por influência de uma ação mística, algo externo ao indivíduo que o levava a apresentar determinando comportamento. Havia, então, que se proceder a oferendas, à oferta até de sacrifícios, no sentido de dominar aquilo que se considerava inexplicável.

Hipócrates contribuiu de forma alargada para a visão da loucura como um problema inerente ao corpo, resultante do desequilíbrio dos humores, ainda que o transcendente estivesse presente na abordagem à doença mental no período antigo<sup>2</sup>. Galeno deu continuidade ao trabalho de Hipócrates,

---

<sup>1</sup> Leia-se sobre este assunto em AUBERT, Jean-Marie, *Filosofia de la Naturaleza*, traduzido por Montserrat Kirchner & Enrique Molina (8.ª Edição), Barcelona, Herder, 2001.

<sup>2</sup> Sobre a loucura na antiguidade sugerimos a leitura de AHONEN, Marke, “Ancient Philosophers on Mental Illness”, em *History of Psychiatry*, 1 (2019), pp. 3-18 e de OLIVEIRA, Sandra Santos de, “Trechos da História da Loucura”, em *Interações*, 3 (2002), pp. 106-120.

preconizando que a doença mental podia ser uma manifestação resultante de uma de três condições patológicas: uma que derivava da alteração na relação corpo-mente, outra que decorria de variações das partes constituintes da alma e, a sobrança, que resultava de transtornos de apenas uma das partes da alma<sup>3</sup>. É notória uma dualidade neste âmbito: se a loucura era aceite como doença, em contrapartida, a dificuldade em encontrar uma explicação concreta para as alterações mentais levava a que se convocasse o sobrenatural para esta esfera. E esta foi uma dualidade que permaneceu durante séculos, quiçá até aos dias hodiernos.

São reconhecidos os medos e as crenças associadas à feitiçaria, ao diabo ou aos males do corpo advindos da herança medieval, mas, no entanto, desse período têm sido reduzidos, em Portugal, os estudos académicos que mostram resultados do que era a assistência realizada àqueles que pareciam padecer das moléstias da mente. À loucura nesse período foi atribuído o peso do pecado, assim como o da possessão demoníaca, existindo, inclusive, uma manipulação social da doença mental, que abrangia questões religiosas, administrativas ou até a subalternidade dos quesitos femininos<sup>4</sup>. Na verdade, a doença mental tem vindo a apresentar-se num espectro alargado naquilo que diz respeito à atribuição da culpa nos aspetos relacionados com a insubordinação, a criminalidade e, bem como, com a própria subjetividade social, sendo-lhe conferida a responsabilidade dos comportamentos considerados limítrofes para cada época e para cada tempo.

Do período moderno os resultados desses estudos académicos abundam um pouco mais e conseguimos encontrar autores que indicam alguns pormenores desta assistência<sup>5</sup>, como por exemplo Abreu, que refere que a 20 de fevereiro de 1539, um capelão foi incluído nos praticantes da assistência do Hospital Real de Todos os Santos, em Lisboa, com o objetivo de curar

---

<sup>3</sup> Apud HÄCHLER, Nikolas, “Galen’s Observations on Diseases of the Soul and the Mind of Men - Researches on the Knowledge of Mental Illnesses in Antiquity”, em *Rosetta*, 13 (2013), pp. 53-72.

<sup>4</sup> Veja-se, sobre a loucura na época medieval, em TRENER, Claire & HORDEN, Peregrine, “Madness in the Middle Ages”, em Greg Eghigian (eds.), *The Routledge History of Madness and Mental Health*, Londres, Routledge, 2017, pp. 62-80 e em CRAIG, Leigh Ann, “The History of Madness and Mental Illness in the Middle Ages: Directions and Questions”, em *History Compass*, 9 (2014), pp. 729-744.

<sup>5</sup> Neste trabalho centrar-nos-emos na realidade portuguesa, ainda que seja igualmente valorizar a assistência realizada num hospital de Valência, dirigido exclusivamente para assistir os alienados – leia-se sobre este assunto em MAZA ZORRILLA, Elena, “Historia y Enajenación Mental. Acompasamiento y Singularidad de una Experiencia Centenaria”, em *Revista de la Asociación Española de Neuropsiquiatría*, 57 (1996), pp. 87-103.

pessoas que se encontravam fora do seu juízo<sup>6</sup>. Da modernidade chegam-nos também relatos feitos na primeira pessoa, como por exemplo aquele de Cristóvão Rodrigues de Oliveira, guarda-roupa do Arcebispo de Lisboa, que em 1551 escrevia sobre o mesmo hospital onde, segundo ele, existiria uma casa para doudos e que os mesmos eram assistidos com tudo o que tinham direito<sup>7</sup>. As notícias sobre o grande Hospital Real de Todos os Santos percorriam o país, chegando mesmo até Borba, no sul português, pelos anos de 1633 e 1634, nos quais o escrivão Francisco Rodrigues Chamisso registou que nesse hospital existiam salas e acomodamentos para os doudos, o que seria, na perspetiva de Francisco, uma coisa bastante admirável<sup>8</sup>.

Por curiosidade, após o terramoto de 1 de novembro de 1755, com maior dano em Lisboa, foi estabelecido o hospital provisório de S. Bento para dar uma resposta temporária às contendas da calamidade. Deu entrada no dia 6 de novembro, nesse espaço, um doudo entre os feridos que foram socorridos e, entre junho de 1755 e setembro de 1756, deram entrada 80 doudos<sup>9</sup> – não se sabendo ao certo se já seriam assistidos anteriormente no Hospital Real de Todos os Santos ou se desenvolveram alguma síndrome de stress pós-traumático. Ainda no que diz respeito às consequências do terramoto, mencionou Lemos que em 1763, ainda no tal hospital provisório, existia uma enfermaria para acolher os loucos<sup>10</sup>, denominada Enfermaria de S. João de Deus<sup>11</sup>.

---

<sup>6</sup> Considere-se em ABREU, Laurinda, “A Misericórdia de Lisboa, o Hospital Real e os Insanos: Notas para uma Introdução”, em Natália Correia Guedes (coord.), *Museu São João de Deus - Psiquiatria e História*, Lisboa, Editorial Hospitalidade, 2009, pp. 109-114.

<sup>7</sup> Atente-se em OLIVEIRA, Cristóvão Rodrigues de, “Sumário, em que brevemente se contém algumas coisas assim eclesiásticas, como seculares, que há na cidade de Lisboa / por Cristóvão Rodrigues de Oliveira, guarda-roupa do arcebispo de Lisboa e capelão mór do Rei D. João III adicionado; por Manuel da Conceição. Lisboa: Oficina de Miguel Rodrigues, impressor do Emin. Senhor Cardeal Patriarca; 1755”, URL: [https://digitalis-dsp.uc.pt/html/10316.2/9499/item1\\_index.html](https://digitalis-dsp.uc.pt/html/10316.2/9499/item1_index.html). Consultado a 10 de abril de 2015.

<sup>8</sup> Cfr. em PAIVA, José Pedro (coord.), *Portugaliae Monumenta Misericordiarum/Vol. 5: Reforço da interferência régia e elitização: o governo dos Filipes*, Lisboa, Centro de Estudos de História Religiosa da Faculdade de Teologia - Universidade Católica Portuguesa, União das Misericórdias Portuguesas, 2006.

<sup>9</sup> Consulte-se em FERREIRA, Amélia, *O Socorro às Vítimas do Terramoto de Lisboa (1755)*, (Tese de Doutoramento), Instituto de Ciências da Saúde - Universidade Católica Portuguesa, 2016.

<sup>10</sup> Note-se que utilizámos, neste trabalho, a nomenclatura (e. g. doudos, loucos, ...) utilizada nos respetivos documentos analisados.

<sup>11</sup> Veja-se em LEMOS, Maximiano, *História da Medicina em Portugal*, Lisboa, Manoel Gomes Editor, 1899.

Ou seja, verificámos que os relatos sobre a assistência aos alienados em território português vão sendo mais abundantes à medida que vamos avançando nos tempos, sendo a centúria de oitocentos aquela onde a ciência psiquiátrica se foi começando a impor dentro dos saberes médicos<sup>12</sup>. Na verdade, como veremos mais adiante, foi no final desse século que Portugal começou a acompanhar as tendências internacionais<sup>13</sup> que visavam a construção de espaços exclusivos para a assistência dos alienados, trazendo para o desenho assistencial nacional uma especificidade clínica espelhada num espaço físico dedicado à loucura, ao seu estudo e tratamento.

O esforço realizado por diversas personagens ao longo da história proporcionou, para os dias correntes, espaços onde o trabalho pluridisciplinar pode ser promovido e desenvolvido. Sabemos que ainda é longo o caminho a percorrer no âmbito da história da enfermagem<sup>14</sup>, e em particular nos contornos da enfermagem de saúde mental e psiquiátrica, tal como sabemos que este caminho é realizado através de trilhos ainda não explorados pelos próprios enfermeiros. No fundo, estes profissionais de saúde vão aprendendo a dar os passos de acordo com as rotas já percorridas, cenários que podem servir de suporte para a ação terapêutica atual. Não serve este texto para traçar um avistar completo sobre os lugares do desenvolvimento da enfermagem de saúde mental e psiquiátrica portuguesa – aliás, nem seria o espaço suficiente para tal. Servem estas palavras para aguçar o apetite daqueles que olham para esses lugares como não comuns e com uma atenção especial e que gostariam de dar um passo mais nestas andanças, que podem acontecer em conjunto com a construção da história.

O objetivo geral deste trabalho, realizado na tal perspetiva pluridisciplinar que se pode construir através do contributo de enfermeiros e historiadores, passa por identificar as responsabilidades dos enfermeiros na

---

<sup>12</sup> Apud ESTEVES, Alexandra, “Loucos e/ou Criminosos: o Debate sobre a Inimputabilidade em Portugal entre Meados do Século XIX e Inícios do Século XX”, em Maria Marta Lobo de Araújo & Alfredo Martín García (coords.), *Os Marginais (Séculos XVI-XIX)*, Vila Nova de Famalicão, Húmus, 2018, pp. 279-294.

<sup>13</sup> Leia-se sobre os diferentes hospitais construídos, ou adaptados, em diversos países durante o século XIX em TUCKER, George A., *Lunacy in Many Lands*, Sydney, Charles Potter, Government Printer, 1887.

<sup>14</sup> Sobre a história da enfermagem sugere-se a leitura de SILVA, Helena da, “Percurso e Desafios de uma Investigação sobre a História da Profissão de Enfermagem em Portugal (Séc. XIX-XX)”, em *Pensar Enfermagem*, 2 (2015), pp. 68-84, ou então SILVA, Helena da, “Influências Estrangeiras nos Hospitais Portugueses. O Caso da Enfermagem Religiosa (Finais do Século XIX)”, em *Revista do CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço & Memória»*, 5 (2014), pp. 63-75.

assistência praticada, durante os anos oitocentos, no Hospital de Rilhafoles (Lisboa), no Hospital de Alienados do Conde Ferreira (Porto) e na Casa de Saúde do Sagrado Coração de Jesus (Sintra), instituições do domínio da assistência aos alienados. Definindo percursos, iremos jornadas com maior profundidade o término do século XIX, e particularmente o quadro do Hospital de Alienados do Conde de Ferreira, tendo em conta que foi a primeira instituição a ser construída de raiz em Portugal.

## 1. TRAÇANDO OS PERCURSOS E PERCORRENDO OS CENÁRIOS

Tendo em conta a passagem para a contemporaneidade, o século XIX foi fecundo no estabelecimento de espaços assistenciais para os alienados. Em 1848, em Lisboa, abriu portas o Hospital de Rilhafoles, com a transferência das mulheres alienadas que se encontravam na enfermaria de Santa Eufémia do Hospital de S. José - em 1850 seriam transferidos os homens alienados<sup>15</sup>. Em 1883 foi inaugurado o Hospital de Alienados do Conde de Ferreira, no Porto, sob a administração da Santa Casa da Misericórdia da cidade<sup>16</sup>. Em 1893, a Casa do Sagrado Coração de Jesus, na Quinta do Telhal, recebeu o seu primeiro alienado e, em 1894, as Irmãs Hospitaleiras do Sagrado Coração de Jesus acolheram a primeira alienada na sua casa da Idanha<sup>17</sup>. Em todos estes locais existiam enfermeiros para assistir os alienados, habitualmente condicionados a uma rigorosa hierarquia e tendo de cumprir escrupulosamente o que era designado pelos diretores clínicos. De referir que, nas casas assistenciais religiosas, os enfermeiros seriam os próprios irmãos e

---

<sup>15</sup> Leia-se em PEREIRA, Ana Leonor, “A Institucionalização da Loucura em Portugal”, em *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 21 (1986), pp. 85-100. Sugere-se igualmente a leitura de NECHO, Ana Catarina Pinheiro dos Santos, *A Assistência aos Alienados em Portugal: o Hospital de Rilhafoles (da Fundação à Implantação da República)*, (Tese de Doutoramento), Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, 2019, para um conhecimento mais aprofundado acerca do Hospital de Rilhafoles.

<sup>16</sup> Consulte-se em SENA, António Maria de, *Os Alienados em Portugal, I – História e Estatística, II - Hospital do Conde de Ferreira*, Lisboa, Ulmeiro, 2003 (Original publicado em 1884), sendo ainda sugerida a leitura de GOMES, Sérgio Paulo Tenreiro. *Institucionalização de Alienados em Portugal: o Hospital Conde de Ferreira (1883-1910). Discursos e Práticas Assistenciais*, Tese de Doutoramento, Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, 2019. Sobre este hospital recomenda-se a leitura de PEREIRA, Pedro Teixeira; GOMES, Eva & MARTINS, Olga, “A Alienação no Porto: o Hospital de Alienados do Conde de Ferreira (1883-1908)”, em *Revista da Faculdade de Letras do Porto*, 8 (2005), pp. 99-128.

<sup>17</sup> Veja-se em GAMEIRO, Aires, *Casa de Saúde do Telhal 1º Centenário 1893-1993 - Documentos Históricos e Clínicos*, Lisboa, Editorial Hospitalidade, 1993.

irmãs, conquanto, nos restantes hospitais apresentados, os enfermeiros eram leigos.

De facto, em Portugal a assistência dos alienados nos finais do século XIX era realizada por enfermeiros laicos, à semelhança de outros países, como por exemplo Inglaterra, Holanda ou os Estados Unidos da América<sup>18</sup>: curiosamente, zonas onde o protestantismo predominava. Ao contrário dos restantes países católicos, onde membros das congregações religiosas apresentavam o papel de enfermeiros nas diferentes instituições assistenciais<sup>19</sup>, Portugal apresentou uma tendência diferente, visto que a assistência foi garantida por enfermeiros não religiosos, embora o catolicismo vigorasse no país<sup>20</sup>. Esta tendência aconteceu tanto nos hospitais considerados gerais, como por exemplo o Hospital de S. José, como nos que ofereciam uma assistência específica, como aquela que era dirigida aos doentes mentais<sup>21</sup>.

No Hospital de Rilhafoles, em setembro de 1851, existiam 322 alienados internados, 159 homens e 163 mulheres, que se encontravam organizados em quatro classes, sendo as causas da sua alienação bastante variadas, desde reveses de fortuna, paixão amorosa ou monomania ambiciosa<sup>22</sup> - veja-se o número de doentes internados em Rilhafoles entre 1850 e 1851 na Tabla 1, infra apresentada. Encontrando-se este hospital sob a alçada administrativa do

---

<sup>18</sup> Leia-se sobre a realidade destes países, respetivamente, em BRIMBLECOMBE, Neil R., "Asylum Nursing as a Career in the United Kingdom, 1890–1910", em *Journal of Advanced Nursing*, 6 (2006), pp. 770-777, em BOSCHMA, Geertje, *The Rise of Mental Health Nursing. A History of Psychiatric Care in Dutch Asylums, 1890-1920*, Amsterdão, Amsterdam University Press, 2003 e em MEDICO-PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION, *Handbook for the Instruction of Attendants on the Insane*, Boston, Damrell & Upham - The Old Corner Bookstore, 1885. Já sobre a realidade no século XX sugere-se a leitura de DURO SÁNCHEZ, Alicia & VILLASANTE, Olga, "La Asistencia al Enfermo Mental" de Luis Valenciano: La Profesionalización del Cuidado al Enfermo Mental durante la Segunda República Española", em *Cultura de los Cuidados*, 44 (2016), pp. 51-62.

<sup>19</sup> Veja-se o exemplo de Espanha em SILES, José, CIBANAL, Luis, VIZCAYA, Flores, SOLANO, Carmen, GARCÍA, Encarnación & GABALDÓN, Eva, "De la Custodia a los Cuidados: una Perspectiva Histórica de la Enfermería en Salud Mental", em *Cultura de los Cuidados*, 9 (2001), pp. 27-33.

<sup>20</sup> Leia-se sobre este assunto em LOPES, Maria Antónia, "Enfermeiros e enfermeiras nos hospitais portugueses dos séculos XVIII e XIX: continuidades e ruturas", em Alexandra Esteves (coord.), *Homens, Instituições e Políticas*, Guimarães, Lab2PT- Universidade do Minho, 2019, pp. 154-173.

<sup>21</sup> Exceto nos hospitais geridos por congregações religiosas, como aquelas que apresentamos neste trabalho.

<sup>22</sup> Consulte-se em PULIDO, Francisco Martins, *Relatório sobre a Organização do Hospital de Alienados em Rilhafoles*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1851.

Hospital de S. José, a hierarquia dos enfermeiros corresponderia à mesma hierarquia que este hospital apresentava, ou seja, era estabelecida em enfermeiros e enfermeiras, ajudantes, moços e criadas<sup>23</sup>. Francisco Martins Pulido, diretor de Rilhafoles em 1851 e um dos seus primeiros diretores clínicos, indicou que os alienados nunca eram deixados sós, sendo vigiados por ajudantes de enfermeiro dia e noite, que deviam zelar pelo comportamento, postura e prevenção dos disparates dos assistidos<sup>24</sup>.

Tabla 1. População admitida entre 9 de janeiro de 1850 a 30 de setembro de 1851 em Rilhafoles

	Homens	Mulheres	Total
Indigentes	252	310	562
Imputados	11	1	12
Mendigos	5	5	10
Pensionistas de 4. <sup>a</sup> Classe	19	9	28
Pensionistas de 3. <sup>a</sup> Classe	7	1	8
Pensionistas de 2. <sup>a</sup> Classe	8	3	11
Pensionistas de 1. <sup>a</sup> Classe	1	--	1
Transferidos do Hospital de S. José	22	21	43
Total	325	350	675

Fonte: PULIDO, Francisco Martins, *Relatório sobre a Organização do Hospital de Alienados em Rilhafoles*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1851.

Os tratamentos em Rilhafoles passavam por uma boa alimentação, pelo trabalho em oficinas de sapateiro, de alfaiate, de costura ou então pelo trabalho na quinta do hospital, sendo os alienados supervisionados por um/uma ajudante nestas oficinas. Passava igualmente pelo recreio e distração através da dança, música e passeios e ainda pelo exercício religioso, existindo missa diária na instituição para quem quisesse estar presente. Note-se que o trabalho nas oficinas revertia em bens para consumo próprio do hospital, assim como os produtos resultantes da quinta<sup>25</sup>. Existiam outros tipos de tratamentos em vigor nesse hospital, como por exemplo as sangrias através de bichas ou ventosas em casos de mania agitada, ou ainda a hidroterapia,

<sup>23</sup> Leia-se sobre esta hierarquia em SUBTIL, Carlos & VIEIRA, Margarida, “Funções e Condições de Trabalho de um Enfermeiro no Hospital de S. José (Meados do Século XIX)”, em *Revista de Enfermagem Referência*, 5 (2011), pp. 181-190.

<sup>24</sup> Veja-se em PULIDO ... *op. cit.*.

<sup>25</sup> *Ibidem*.

com água fria ou quente, com ervas ou simples, sendo aplicada conforme a condição individual de cada um dos alienados<sup>26</sup>.

Os meios de contenção utilizados em Rilhafoles eram diversos, e apenas podiam ser aplicados em situações de urgência e/ou indicados pelo médico responsável em casos de grande agitação ou agressividade por parte dos alienados, tendo que os enfermeiros, ajudantes e os criados utilizar da brandura e da persuasão para os tranquilizar<sup>27</sup>. Estes meios de contenção passavam pela camisa-de-forças, pelas peias, pelas cadeiras-fortes ou até mesmo pelas celas de isolamento.

A contenção nos anos de oitocentos fazia parte daquilo que era o tratamento físico dos doentes mentais, em contraste com o tratamento moral<sup>28</sup>. Os tratamentos contentivos utilizados em Rilhafoles, assim como aqueles aplicados nas restantes realidades que apresentaremos adiante, encontravam-se em consonância com a realidade internacional, sendo dada alguma preferência, a partir de meados do século XIX, aos instrumentos contentivos que concedessem aos alienados alguma liberdade de movimento, como por exemplo a camisa-de-forças, que, por exemplo, lhes permitia andar ou alimentar sem grandes restrições<sup>29</sup>. Não obstante, o poder exercido sobre o corpo e os comportamentos dos doentes conduzia ao domínio dos praticantes da assistência nestes contextos institucionais, conduzindo igualmente a uma relação terapêutica desnivelada e desigual<sup>30</sup>.

No entanto, Rilhafoles depressa ficou sobrelotado e era urgente a criação de novas estruturas no país que dessem respostas mais eficazes à assistência

---

<sup>26</sup> *Ibidem*.

<sup>27</sup> *Ibidem*.

<sup>28</sup> Sobre esta distinção sugerimos a leitura de CHARLAND, Louis C., “Moral Treatment in the Eighteenth and Nineteenth Century”, em Abraham Rudnick & David Roe (eds.), *Serious Mental Illness: Person-Centered Approaches (Patient-Centered Care)*, Oxford, Radcliffe Publishing, 2011, sem página.

<sup>29</sup> Leia-se sobre a contenção e os instrumentos utilizados em BUDA, Octavian; HOSTIUC, Sorin; DRIMA, Eduard; GHEBAUR, Laura, POPESCU, Ionuț; STAIUCU, Laurențiu & DOBOȘ, Corina, “The institutionalization of asylum and forensic psychiatry in Bucharest, 19th century. A historical outline”, em *Romanian Journal of Legal Medicine*, 21 (2013), pp. 79-84, em SANTOS, Elvin H. & STAINBROOK, Edward, “A History of Psychiatric Nursing in the Nineteenth Century”, em *Journal of the History of Medicine and Allied Sciences*, 1, 1949, pp. 48-74 ou em TUCKER ... *op. cit.*.

<sup>30</sup> Acerca desta questão do exercício do poder, que perdurou durante o século XX, recomenda-se a leitura de GARCÍA DÍAZ, Celia & JIMÉNEZ LUCENA, Isabel, “Género, Regulación Social y Subjetividades. Asimilaciones, Complicidades y Resistencias en torno a la Loca. (El Manicomio Provincial de Málaga, 1920-1950)”, em *Frenia. Revista de Historia de la Psiquiatría*, 1 (2010), pp. 123-145.

dos alienados, assegurando-a de forma abonatória. Para esse efeito, foi construído de raiz um hospital no Porto, tendo em conta as disposições testamentárias de Joaquim Ferreira dos Santos, Conde de Ferreira. Este hospital de iniciativa privada foi inaugurado a 24 de março de 1883, tendo sido internados, nesse dia, dezoito alienados provenientes do Hospital de Santo António e dois alienados referenciados pela família<sup>31</sup>. Uma das alienadas transferidas era Júlia Rosa, natural de Penafiel, casada e meretriz, que tinha ateado fogo à igreja da sua aldeia<sup>32</sup>. Outro dos doentes transferidos foi Luis Gonzaga Soares Ferreira, natural de Coimbra, que se encontrava no terceiro ano de medicina quando apresentou os primeiros sinais de alienação<sup>33</sup>. De 1883 a 1885 o movimento de alienados no Hospital do Conde de Ferreira foi extenso, com o número de 493 assistidos, 281 homens e 212 mulheres, com causas de alienação diversas, como por exemplo estupidez, histeria ou idiotia, e distribuídos pela 1.<sup>a</sup>, 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> classe e pela classe dos indigentes<sup>34</sup>. Nos últimos anos do século XIX, o movimento de doentes internados estabilizou, embora tenha existido uma sobrelocação no ano de 1897 a 1898, como se pode verificar no gráfico apresentado de seguida.

---

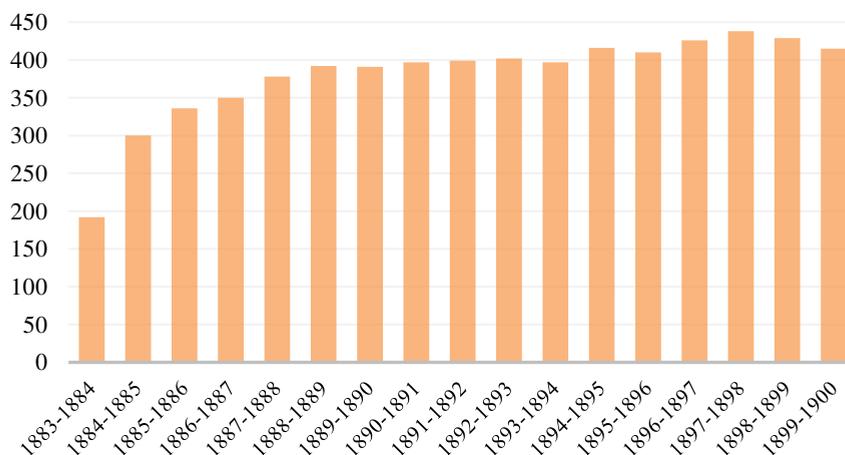
<sup>31</sup> Consulte-se em SENA, António Maria de, *Relatorio do Serviço Medico e Administrativo do Hospital do Conde de Ferreira Relativo ao Primeiro Biennio (1883-1885)*, Porto, Typographia Occidental, 1887.

<sup>32</sup> Veja-se em SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DO PORTO, *Livro de Admissão Definitiva - Colocação Voluntaria (Mulheres)* [Manuscrito], sem cota, consultado na Biblioteca do Centro Hospitalar Conde Ferreira.

<sup>33</sup> Atente-se em SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DO PORTO, *Processo Clínico n.º 8* [Manuscrito], sem cota, consultado na Biblioteca do Centro Hospitalar Conde Ferreira.

<sup>34</sup> Consulte-se em SENA, *Relatorio do Serviço... op. cit.*

Gráfico 1. Número de doentes internados no Hospital de Alienados do Conde de Ferreira entre 1883 e 1900



Fonte: relatórios anuais da Mesa da Santa Casa da Misericórdia do Porto desde o ano económico de 1883 a 1884 até ao ano económico de 1899 a 1900.

Em relação à hierarquia do corpo de enfermagem no Conde de Ferreira, esta encontrava-se organizada em enfermeiros, ajudantes de enfermeiro e criados, todos sob a alçada de um fiscal que, no final do século XIX, foi o enfermeiro António Augusto Cerqueira de Barros. Os salários eram diferentes para homens e mulheres, auferindo uma enfermeira, em 1883, menos cerca de 20% que o seu par masculino, e este menos cerca de 14% que a roupeira<sup>35</sup>. Os enfermeiros, ajudantes e criados tinham uma folga a cada quinze dias, tendo de habitar dentro das instalações do hospital, sendo cada enfermeira e enfermeiro responsável por uma enfermaria de mulheres ou homens, respetivamente, e igualmente responsáveis pelo trabalho dos ajudantes e criados que aí trabalhassem. Existia, então, apenas um enfermeiro como chefe, sendo assistido por um ajudante, se o houvesse, tendo ao seu serviço os criados, que ficariam incumbidos do trabalho de maior esforço e considerado menor, como por exemplo a limpeza dos espaços<sup>36</sup>.

<sup>35</sup> Leia-se sobre os vencimentos dos funcionários deste hospital em SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DO PORTO, *Regulamento Geral do Hospital de Alienados do Conde de Ferreira*, Porto, Santa Casa da Misericórdia do Porto, 1883.

<sup>36</sup> Consulte-se em SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DO PORTO, *Regulamento Geral ... 1883 op. cit.* e em SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DO PORTO, *Regulamento Geral do Hospital de Alienados do Conde de Ferreira*, Porto, Santa Casa da Misericórdia do Porto, 1891.

Podemos apresentar alguns nomes de enfermeiros, ajudantes ou criados para ilustrar este cenário assistencial, como por exemplo o de Joaquim Vieira da Silva, filho de pai incógnito e Joana Vieira, nascido a 22 de fevereiro de 1872, natural de Castelo de Paiva<sup>37</sup>. Joaquim era casado e começou a trabalhar neste hospital como criado em julho de 1893, tendo sido promovido a ajudante em 1894 e a enfermeiro em 1901, recebendo o prémio Sena pelos seus bons serviços em 1900<sup>38</sup>. É possível também mencionar o nome de Maria da Conceição Barbosa, natural de Coimbra, filha de José dos Santos e Maria Fortunato, nascida a 27 de fevereiro de 1846, e que foi admitida como chefe de enfermaria no Hospital de Alienados do Conde de Ferreira em março de 1883<sup>39</sup>. Maria da Conceição, solteira, trabalhou nos Hospitais de Coimbra e saiu desta cidade para ir trabalhar para o Porto, recebendo uma medalha de ouro pelos seus serviços em janeiro de 1902; habitou sempre no Hospital de Alienados do Conde de Ferreira desde a sua transferência de Coimbra e faleceu a 25 de novembro de 1909, com vinte e seis anos de serviço nessa instituição<sup>40</sup>.

Os enfermeiros, ajudantes e criados desse hospital eram responsáveis por fazer levantar os alienados pela parte da manhã, sendo a primeira refeição do dia, o almoço, por volta das oito horas. Antes, teriam que ajudá-los a arranjar-se, auxiliando os mais dependentes e promovendo a ajuda mútua entre os mesmos, ensinando o que fosse necessário; deviam igualmente levar os alienados para os banhos, fossem estes higiénicos ou terapêuticos<sup>41</sup>. Teriam também de realizar os despejos resultantes da noite, exceto os dos alienados de 3.ª classe e indigentes que, se fossem autónomos, teriam de os realizar sozinhos.

---

<sup>37</sup> Leia-se sobre este enfermeiro em SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DO PORTO, *Livro Registro do Pessoal d'enfermagem da Misericórdia Agraciado com Medalhas e Gratificações nos Termos do Regulamento Aprovado por Despacho Ministerial de 21 de Outubro de 1901* [Manuscrito], cota I-3-20, consultado na Casa da Prelada - Arquivo da Santa Casa da Misericórdia do Porto.

<sup>38</sup> *Ibidem*.

<sup>39</sup> Atente-se, sobre Maria da Conceição Barbosa, na última obra referenciada e em *Registo do testamento com que faleceu Maria da Conceição Barbosa, enfermeira do Hospital de Alienados do Conde de Ferreira* [Manuscrito], cota A-PUB/5159 - f. 8v-12, consultado no Arquivo Municipal do Porto.

<sup>40</sup> *Ibidem*.

<sup>41</sup> Veja-se em SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DO PORTO, *Regulamento Geral ... 1883 op. cit.* e em SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DO PORTO, *Regulamento Geral ... 1891 op. cit.*.

Tendo em conta aquilo que se encontrava regulamentado, um enfermeiro ou enfermeira, ou um ajudante, caso a enfermaria não tivesse enfermeiro responsável, teria que acompanhar o médico na visita aos alienados, informando sobre as alterações dos mesmos e registando novas prescrições. Após a visita médica, os enfermos eram conduzidos para as suas ocupações e trabalho, realizadas em oficinas, como a de costura, de sapateiro ou a de tipografia, supervisionados habitualmente por um responsável, que podia ou não ser enfermeiro. Também podiam ser conduzidos para trabalho na própria quinta do hospital e nos seus jardins, sendo supervisionados pelo quinteiro ou por um ajudante de enfermeiro<sup>42</sup>. O jantar ocorria pelas treze horas e, depois de tomar a segunda refeição do dia, os doentes eram conduzidos pelos enfermeiros, ajudantes ou criados para uma hora e meia de recreio, voltando às suas ocupações e trabalho após este momento de distração. A ceia ocorria pelas vinte horas sendo que, uma hora após esta refeição<sup>43</sup>, os alienados voltariam a ser reconduzidos pelos elementos responsáveis para a sua enfermaria, deitando-se com organização e rigor<sup>44</sup>. De ter em conta que, aquilo que se encontrava regulamentado podia não corresponder à realidade concreta, tendo em conta a subjetividade e a imprevisibilidade inerentes ao comportamento humanos, que poderiam conduzir à introdução de novas regras informais de acordo com as práticas que se iam desenvolvendo.

As rotinas nos espaços assistenciais reservados aos doentes eram consideradas essenciais para a recuperação dos mesmos, devendo ser os funcionários das instituições o exemplo na manutenção da ordem e da disciplina. Já Samuel Tuke, em 1813, tinha mencionado a importância da rotina na qualidade da assistência, existindo assim um maior controlo dos comportamentos e das reações dos enfermos<sup>45</sup>. No entanto, talvez esse controlo fosse apenas ilusório, visto que a sintomatologia psiquiátrica mantinha níveis de imprevisibilidade que não era possível controlar apenas com o estabelecimento de hábitos rotineiros. Ainda assim, a organização estrita podia oferecer uma confiança aos alienados que, provavelmente, lhes permitisse experimentar sentimentos de segurança e proteção.

Os tratamentos no Hospital de Alienados do Conde de Ferreira passavam igualmente pela boa alimentação, pela ocupação, pelo trabalho ou pela

---

<sup>42</sup> *Ibidem*.

<sup>43</sup> Todas as refeições eram vigiadas por enfermeiros, ajudantes ou criados.

<sup>44</sup> *Ibidem*.

<sup>45</sup> Atente-se em TUKE, Samuel, *Description of The Retreat, an Institution near York, for Insane Persons of the Society of Friends. Containing an Account of its Origin and Progress, the Modes of Treatment, and a Statement of Cases*, Filadélfia, Isaac Peirce, 1813.

hidroterapia, e nunca um enfermeiro, ajudante ou criado podia usar da violência perante um comportamento menos próprio de um alienado, tendo de ser chamado um médico caso o episódio fosse de maior agitação<sup>46</sup>. António Maria de Sena, o primeiro diretor clínico desse hospital, considerava que os alienados portugueses eram brandos e fáceis de persuadir<sup>47</sup>, pelo que os métodos de contenção utilizados nessa instituição eram as celas de reclusão (algumas com paredes forradas e revestidas a plástico) e a camisa-de-forças – a hidroterapia também era aplicada em alguns casos como meio contentivo. A hidroterapia passava pela aplicação de banhos frios ou quentes, sem aditivos ou com aditivos, como por exemplo os grãos de mostarda para banhos sinapizados<sup>48</sup>.

A hidroterapia era um dos tratamentos utilizados para dominar o corpo e equilibrar a mente, sendo aplicada amplamente noutras instituições de assistência dos doentes mentais a nível internacional<sup>49</sup>. A hidroterapia era considerada como um dos tratamentos mais eficazes no âmbito da alienação, visto que, para além do controlo apresentado, marcava uma linha de atuação terapêutica que não era considerada ofensiva ou severa. Tanto o Hospital de Rilhafoles como o Hospital de Alienados do Conde de Ferreira se encontravam em consonância com essa realidade internacional, até mesmo nas questões financeiras, pois também ofereciam banhos a pessoas externas aos hospitais, que seriam pagos, existindo assim um fortalecimento das suas receitas.

Os alienados admitidos no Hospital de Alienados do Conde de Ferreira eram recebidos pelo fiscal e, se fossem mulheres, por uma enfermeira. Durante o internamento eram-lhes retirados os objetos considerados perigosos e os mesmos inventariados. Os alienados indigentes tinham de usar uniforme, e os de 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> classe podiam ter ao seu serviço um criado, desde que pagassem mais para este efeito<sup>50</sup>. Foi o caso do doente Alberto Bartolo, que teve ao seu serviço o criado António Maria Silva, ou de D. Isabel de

---

<sup>46</sup> Leia-se sobre os tratamentos utilizados no Hospital em SENA, *Relatorio do Serviço...* op. cit. e em MATOS, Júlio de, *Manual de Doenças Mentaes*, Porto, Livraria Central de Campos & Godinho Editores, 1884.

<sup>47</sup> Veja-se em SENA, *Os Alienados ... op. cit.*

<sup>48</sup> Atente-se a SENA, *Relatorio do Serviço...* op. cit. e em SENA, *Os Alienados ... op. cit.*

<sup>49</sup> Veja-se em BOSCHMA ... op. cit. ou em MEDICO-PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION ... op. cit.

<sup>50</sup> Consulte-se em SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DO PORTO, *Regulamento Geral ... 1883 op. cit.* e em SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DO PORTO, *Regulamento Geral ... 1891 op. cit.*

Vasconcelos, que pagou de forma extraordinária os serviços da criada Ana Joaquina<sup>51</sup>. As visitas, apenas autorizadas pelo diretor clínico, eram vigiadas pelos enfermeiros, ajudantes e criados, não sendo permitido a estes funcionários aceitar qualquer tipo de gratificação como suborno para a mesma, podendo até ser castigados se isso acontecesse. Tal como podiam ser punidos caso não cumprissem com as suas obrigações, como foi o caso da enfermeira Maria Cândida, e das criadas por quem estava responsável, que em maio de 1883 foi suspensa oito dias por não ter vigiado adequadamente as alienadas da sua enfermaria e uma destas ter fugido<sup>52</sup>.

Em junho de 1894 existiam 397 alienados no Hospital de Alienados do Conde de Ferreira<sup>53</sup>, começando igualmente esta instituição a apresentar sinais de sobrelotação e problemas financeiros, em especial porque grande parte dos alienados era indigente e, como tal, não pagava o seu internamento. Como foi referido anteriormente, em 1893 e 1894 os irmãos e a irmãs hospitaleiras abriram, respetivamente, as suas casas. Optámos, neste trabalho, por apresentar apenas o exemplo concreto dos irmãos enfermeiros da Ordem Hospitaleira de S. João de Deus, que na sua Casa do Sagrado Coração de Jesus, hoje em dia conhecida como Casa de Saúde do Telhal, seguiam as indicações que eram preconizadas pelas Constituições da Ordem, fazendo o seu noviciado e formação, nos finais do século XIX, na Casa de Ciempozuelos, em Espanha.

Na Casa de Saúde do Sagrado Coração de Jesus<sup>54</sup>, no Verão de 1893, viviam cerca de oito irmãos e um alienado, o Padre Caetano Figueiredo, de nacionalidade espanhola. Em 1894 já viviam nesta casa doze irmãos e quatro enfermos e, em 1900, viviam dezasseis irmãos e trinta e seis doentes<sup>55</sup>. Os

---

<sup>51</sup> Consultem-se estes casos em SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DO PORTO, *Folha dos Ordenados e Soldadas das Enfermarias e Pharmacia no Mez de Junho de 1906* [Manuscrito], sem cota, consultado na Biblioteca do Centro Hospitalar Conde Ferreira.

<sup>52</sup> Leia-se sobre o caso de Maria Cândida em SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DO PORTO, *Correspondência Recebida 2.º Semestre de 1883* [Manuscrito], cota 955, consultado na Casa da Prelada - Arquivo da Santa Casa da Misericórdia do Porto.

<sup>53</sup> Consulte-se em SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DO PORTO, *Relatorio dos Actos da Mesa da Santa Casa da Misericordia do Porto*, Porto, Typographia de Antonio José da Silva Teixeira, 1894.

<sup>54</sup> Sobre esta Casa sugerimos a leitura de SANTOS, Maria Inês Oliveira Antunes dos. *Relatório de Estágio Curricular: Tratamento do Arquivo da Província da Ordem Hospitaleira de S. João de Deus de 1921*, Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, 2020.

<sup>55</sup> Leia-se em GAMEIRO *op. cit.* Recomenda-se igualmente a leitura de GARCÍA DÍAZ, Celia, “Mujeres en el Manicomio: Espacios Generizados y Perfil Sociodemográfico de la

irmãos enfermeiros, sendo religiosos, habitavam na comunidade da casa, e eram apenas admitidos na Ordem homens com idade entre os dezoito e os trinta e cinco anos, tranquilos, de boa consciência, adeptos da perfeição, devotos e que apresentassem características pessoais que lhes permitissem achar a Graça na vida religiosa e comunitária<sup>56</sup>. Estes homens deviam, de acordo com o regulamentado, não apresentar qualquer tipo de doença, corporal ou mental, vícios ou anomalias físicas.

Na verdade, as características físicas dos enfermeiros eram determinantes para a prestação de uma assistência de qualidade aos alienados. Afinal, para segurar e conter os doentes era necessária força física e agilidade, assim como para aplicar tratamentos, como era o caso da hidroterapia. O ritmo intenso nas instituições assistenciais para enfermos mentais implicava trabalho noturno, muitas horas em pé e a abnegação física, circunstâncias que não eram favoráveis a todos aqueles que quisessem ser enfermeiros ou que desejassem esse ofício. Acrescia ainda, no caso dos religiosos, o rigor da vida comunitária e a exigência da vocação, que eram basilares para assistir os doentes nas suas casas.

Os irmãos enfermeiros deviam cuidar dos alienados com afeto e caridade, tendo atenção ao corpo e à alma, vigiando para que não lhes faltasse coisa alguma durante as vinte e quatro horas do dia. Acompanhavam igualmente o médico na visita aos alienados, informando e registando alterações na alimentação e nos tratamentos. O enfermeiro maior, irmão com grande responsabilidade, certificar-se-ia que o quotidiano nas enfermarias decorria sem problemas, determinando que todos cumprissem as suas obrigações, inclusive a do médico, que passava por animar os internados com a sua presença<sup>57</sup>.

Aos irmãos enfermeiros era exigido que tivessem conhecimentos de medicina e cirurgia geral, assim como domínio de técnicas utilizadas à época, como a aplicação de ventosas e sanguessugas, sangrias ou o tratamento a

---

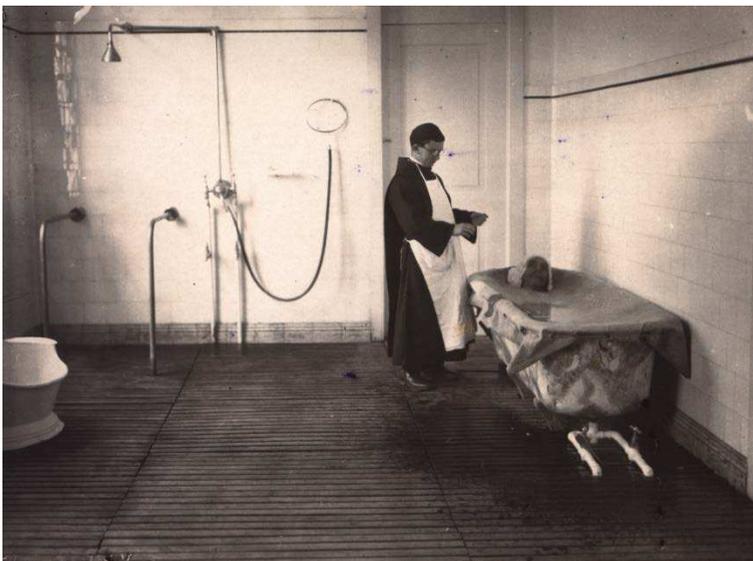
Población Psiquiátrica Femenina en el Manicomio Provincial de Málaga (1909-1950)", em *Investigaciones históricas: Época moderna y contemporánea*, 40 (2020), pp. 523-552, para comparar a realidade portuguesa com a realidade espanhola já no século XX.

<sup>56</sup> Consulte-se sobre este assunto em ORDEN HOSPITALARIA DE SAN JUAN DE DIOS, *Regla de Nuestro Gran Padre San Agustín y Constituciones de la Orden Hospitalaria de Nuestro Glorioso Padre San Juan de Dios*, Madrid, Imprensa del Asilo de Huérfanos del Sagrado Corazón de Jesús, 1899 (Traduzido do original de 1890).

<sup>57</sup> *Ibidem*.

feridas<sup>58</sup>. Apontando em cadernos próprios aquilo que vigiavam de cada um dos alienados, os irmãos enfermeiros eram responsáveis pela administração da hidroterapia e a contenção, que devia ser realizada apenas em casos urgentes, e sem uso de violência. Os instrumentos utilizados para a contenção eram a camisa-de-forças, a correia de cintura ou as luvas de contenção, sendo pedido aos irmãos enfermeiros que fossem brandos e meigos<sup>59</sup>.

Figura 1. Exemplo de hidroterapia utilizada na Casa do Sagrado Coração de Jesus (década de Quarenta do século XX)



Fonte: p. 200 de GUEDES, Natália Correia (coord.), *Museu São João de Deus Psiquiatria e História*, Lisboa, Editorial Hospitalidade, 2009.

Esta recomendação sobre as características comportamentais e de conduta que os enfermeiros deviam apresentar não foi circunscrita à realidade das casas religiosas, visto que era também comum nos contextos assistenciais laicos. No Hospital de Rilhafoles era pedido aos enfermeiros que tratassem os doentes com paciência e brandura e, no Hospital de Alienados do Conde de Ferreira, além da paciência, era-lhes pedido que cumprissem os seus deveres com bom coração, consciência e obediência. Já em 1843, após a sua viagem

<sup>58</sup> Atente-se a RODRIGO, José, *Prontuario del Enfermero*, Madrid, Imprenta y Librería de Nicolás Moya, 1891.

<sup>59</sup> *Ibidem*.

pela Europa, Bernardino António Gomes tinha apresentado diversos exemplos relativos aos enfermeiros que assistiam os alienados, como por exemplo no hospital em Siebourg, em que esses praticantes da assistência cuidavam dos enfermos com afeto e compaixão<sup>60</sup>. No fundo, ao enfermeiro era exigido, para lá da aptidão física, um perfil próprio ao nível do trato, da natureza da relação com os doentes e do saber estar – que, sabemos, perdura até aos dias hodiernos.

As responsabilidades dos enfermeiros nos três cenários assistenciais percorridos eram semelhantes e encontravam-se adequadas ao que era preconizado, à época, a nível nacional e internacional. A estes praticantes da assistência, leigos e religiosos, era-lhes pedido que atuassem, nas suas funções, com compaixão e paciência, com abnegação e resiliência perante os comportamentos dos alienados, atuando numa dualidade de poder: por um lado, este era exercido sobre os enfermeiros por parte de quem governava, todavia, por outro lado, existia o seu exercício por parte dos enfermeiros sobre aqueles que eram assistidos, tornando reais as normas estipuladas.

De facto, se foi no século XIX que a psiquiatria se afirmou na esfera científica<sup>61</sup>, de igual forma a enfermagem nasceu como profissão também nesse período<sup>62</sup>, possibilitando a abertura de novos caminhos no âmbito da ação dos enfermeiros, que os levaram à academia e à afirmação da enfermagem como disciplina já no século XX. A transição efetuada na centúria de oitocentos nas instituições de assistência dos alienados possibilitou igualmente para a enfermagem de saúde mental e psiquiátrica um amplo desenvolvimento, particularmente no que diz respeito à organização da formação para os enfermeiros nessa área de especialidade nas décadas de quarenta e cinquenta dos anos de noventa, permitindo identicamente a evolução da mesma e a confirmação da sua importância.

## CONCLUSÃO

Muito mais haveria a dizer acerca deste avistar sobre a enfermagem de saúde mental e psiquiátrica portuguesa, em especial porque os anos de noventa foram profícuos no desenvolvimento de espaços hospitalares para apoio ao doente mental em Portugal - como por exemplo o Hospital Júlio de

---

<sup>60</sup> Consulte-se em GOMES, Bernardino António, *Dos Estabelecimentos de Alienados nos Estados Principais da Europa*, Lisboa, Ulmeiro, 1999 (Original publicado em 1844).

<sup>61</sup> Apud ESTEVES ... *op. cit.*

<sup>62</sup> Veja-se sobre este assunto em NUNES, Lucília, *Um Olhar Sobre o Ombro: Enfermagem em Portugal (1881-1998)*, Loures, Lusociência, 2003.

Matos (Lisboa) e o Hospital Sobral Cid (Coimbra) na década de quarenta, ou o Hospital Magalhães Lemos (Porto) na de sessenta -, tendo sido esta especialidade uma das primeiras a afirmar-se no mundo da enfermagem. No entanto, podemos indicar os trabalhos de José Rodrigues Botelho<sup>63</sup> e de Lucília Nunes<sup>64</sup>, que são excelentes exemplos naquilo que é a sistematização da história da enfermagem e da história da especialidade no século XX e que podem ajudar aqueles que se interessam por esta área a iniciar as leituras neste sentido. No entanto, consideramos foram identificadas as responsabilidades dos enfermeiros na assistência praticada, durante os anos oitocentos, no Hospital de Rilhafoles (Lisboa), no Hospital de Alienados do Conde Ferreira (Porto) e na Casa de Saúde do Sagrado Coração de Jesus (Sintra), indo de encontro ao inicialmente proposto.

Ainda assim, aludimos igualmente aos cursos de enfermagem que se foram realizando nos diferentes hospitais psiquiátricos na primeira metade do século XX, como por exemplo o curso no Hospital de Alienados do Conde de Ferreira, no Manicómio Bombarda ou o da Casa do Telhal, cujo esboço comparativo seria de grande interesse para a construção da história desta especialidade, e que deram um grande contributo ao afinar da mesma. Ao olharmos para trás, conseguimos entender quais serão os melhores passos a dar no caminho que se encontra à nossa frente, e são estes avistares que nos permitem igualmente verificar o quanto a enfermagem progrediu em cerca de um século.

Para concluir, é possível constatar que ainda existe muito a recuperar, tanto na esfera da história da enfermagem, como na esfera da história da psiquiatria e da saúde mental, podendo ser os enfermeiros de hoje convocados a contribuir para esta produção de conhecimento, ajudando na redução do estigma e do ainda tão presente misticismo – fundamentalmente, ajudando a que as pessoas mentalmente doentes sejam aceites e integradas nas suas comunidades. Essa geração de conhecimento torna-se mais eficaz com

---

<sup>63</sup> Leia-se em BOTELHO, José Rodrigues (a), “Enfermagem de Saúde Mental e Psiquiátrica. Alguns Contributos para a sua História em Portugal. 2.º Artigo - Da Abertura do Curso de Enfermagem no Hospital Miguel Bombarda em 1917 à sua transferência para o Hospital Júlio de Matos em 1942”, em *Servir*, 3 (2004), pp. 108-118 e em BOTELHO, José Rodrigues (b), “Enfermagem de Saúde Mental e Psiquiátrica. Alguns Contributos para a sua História em Portugal. 3.º Artigo - Da Abertura do Hospital Júlio de Matos, em 1942, ao início do 1.º Curso de Especialização em Enfermagem de Saúde Mental e Psiquiátrica, em 1978”, em *Servir*, 4 (2004), pp. 168-178.

<sup>64</sup> Consulte-se, por exemplo, NUNES ... *op. cit.*.

diferentes contributos e associações, como pode ser o caso da enfermagem e da história, possibilitando assim, novos rumos no âmbito da investigação.

### **FONTES IMPRESSAS E MANUSCRITAS & REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ABREU, Laurinda, “A Misericórdia de Lisboa, o Hospital Real e os Insanos: Notas para uma Introdução”, em Natália Correia Guedes (coord.), *Museu São João de Deus - Psiquiatria e História*, Lisboa, Editorial Hospitalidade, 2009, pp. 109-114.

AHONEN, Marke, “Ancient Philosophers on Mental Illness”, em *History of Psychiatry*, 1 (2019), pp. 3-18.

AUBERT, Jean-Marie, *Filosofia de la Naturaleza*, traduzido por Montserrat Kirchner & Enrique Molina (8.ª Edição), Barcelona, Herder, 2001.

BOSCHMA, Geertje, *The Rise of Mental Health Nursing. A History of Psychiatric Care in Dutch Asylums, 1890-1920*, Amesterdão, Amsterdam University Press, 2003.

BOTELHO, José Rodrigues (a), “Enfermagem de Saúde Mental e Psiquiátrica. Alguns Contributos para a sua História em Portugal. 2.º Artigo - Da Abertura do Curso de Enfermagem no Hospital Miguel Bombarda em 1917 à sua transferência para o Hospital Júlio de Matos em 1942”, em *Servir*, 3 (2004), pp. 108-118.

BOTELHO, José Rodrigues (b), “Enfermagem de Saúde Mental e Psiquiátrica. Alguns Contributos para a sua História em Portugal. 3.º Artigo - Da Abertura do Hospital Júlio de Matos, em 1942, ao início do 1.º Curso de Especialização em Enfermagem de Saúde Mental e Psiquiátrica, em 1978”, em *Servir*, 4 (2004), pp. 168-178.

BRIMBLECOMBE, Neil R., “Asylum Nursing as a Career in the United Kingdom, 1890–1910”, *Journal of Advanced Nursing*, 6 (2006), pp. 770-777.

BUDA, Octavian; HOSTIUC, Sorin; DRIMA, Eduard; GHEBAUR, Laura, POPESCU, Ionuț; STAICU, Laurențiu & DOBOȘ, Corina, “The institutionalization of asylum and forensic psychiatry in Bucharest, 19th century. A historical outline”, em *Romanian Journal of Legal Medicine*, 21 (2013), pp. 79-84

CHARLAND, Louis C., “Moral Treatment in the Eighteenth and Nineteenth Century”, em Abraham Rudnick & David Roe (eds.), *Serious Mental Illness: Person-Centered Approaches (Patient-Centered Care)*, Oxford, Radcliffe Publishing, 2011, sem página.

CRAIG, Leigh Ann, “The History of Madness and Mental Illness in the Middle Ages: Directions and Questions”, em *History Compass*, 9 (2014), pp. 729-744.

DURO SÁNCHEZ, Alicia & VILLASANTE, Olga, ““La Asistencia al Enfermo Mental” de Luis Valenciano: La Profesionalización del Cuidado al Enfermo Mental durante la Segunda República Española”, em *Cultura de los Cuidados*, 44 (2016), pp. 51-62.

ESTEVES, Alexandra, “Loucos e/ou Criminosos: o Debate sobre a Inimputabilidade em Portugal entre Meados do Século XIX e Inícios do Século XX”, em Maria Marta Lobo de Araújo & Alfredo Martín García (coords.), *Os Marginais (Séculos XVI-XIX)*, Vila Nova de Famalicão, Húmus, 2018, pp. 279-294.

FERREIRA, Amélia, *O Socorro às Vítimas do Terramoto de Lisboa (1755)*, (Tese de Doutoramento), Instituto de Ciências da Saúde - Universidade Católica Portuguesa, 2016.

GAMEIRO, Aires, *Casa de Saúde do Telhal 1º Centenário 1893-1993 - Documentos Históricos e Clínicos*, Lisboa, Editorial Hospitalidade, 1993.

GARCÍA DÍAZ, Celia, “Mujeres en el Manicomio: Espacios Generizados y Perfil Sociodemográfico de la Población Psiquiátrica Femenina en el Manicomio Provincial de Málaga (1909-1950)”, em *Investigaciones históricas: Época moderna y contemporánea*, 40 (2020), pp. 523-552.

- GARCÍA DÍAZ, Celia & JIMÉNEZ LUCENA, Isabel, “Género, Regulación Social y Subjetividades. Asimilaciones, Complicidades y Resistencias en torno a la Loca. (El Manicomio Provincial de Málaga, 1920-1950)”, em *Frenia. Revista de Historia de la Psiquiatría*, 1 (2010), pp. 123-145.
- GOMES, Bernardino António, *Dos Estabelecimentos de Alienados nos Estados Principais da Europa*, Lisboa, Ulmeiro, 1999 (Original publicado em 1844).
- GOMES, Sérgio Paulo Tenreiro. *Institucionalização de Alienados em Portugal: o Hospital Conde de Ferreira (1883-1910). Discursos e Práticas Assistenciais*, Tese de Doutoramento, Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, 2019
- GUEDES, Natália Correia (coord.), *Museu São João de Deus - Psiquiatria e História*, Lisboa, Editorial Hospitalidade, 2009.
- HÄCHLER, Nikolas, “Galen’s Observations on Diseases of the Soul and the Mind of Men - Researches on the Knowledge of Mental Illnesses in Antiquity”, em *Rosetta*, 13 (2013), pp. 53-72.
- LE MOS, Maximiano, *História da Medicina em Portugal*, Lisboa, Manoel Gomes Editor, 1899.
- LOPES, Maria Antónia, “Enfermeiros e enfermeiras nos hospitais portugueses dos séculos XVIII e XIX: continuidades e ruturas”, em Alexandra Esteves (coord.), *Homens, Instituições e Políticas*, Guimarães, Lab2PT- Universidade do Minho, 2019, pp. 154-173.
- MATOS, Júlio de, *Manual de Doenças Mentaes*, Porto, Livraria Central de Campos & Godinho Editores, 1884.
- MAZA ZORRILLA, Elena, “Historia y Enajenación Mental. Acompasamiento y Singularidad de una Experiencia Centenaria”, em *Revista de la Asociación Española de Neuropsiquiatría*, 57 (1996), pp. 87-103.

- MEDICO-PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION, *Handbook for the Instruction of Attendants on the Insane*, Boston, Damrell & Upham - The Old Corner Bookstore, 1885.
- NECHO, Ana Catarina Pinheiro dos Santos, *A Assistência aos Alienados em Portugal: o Hospital de Rilhafoles (da Fundação à Implantação da República)*, (Tese de Doutoramento), Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, 2019.
- NUNES, Lucília, *Um Olhar Sobre o Ombro: Enfermagem em Portugal (1881-1998)*, Loures, Lusociência, 2003.
- OLIVEIRA, Sandra Santos de, “Trechos da História da Loucura”, em *Interacções*, 3 (2002), pp. 106-120.
- ORDEN HOSPITALARIA DE SAN JUAN DE DIOS, *Regla de Nuestro Gran Padre San Agustín y Constituciones de la Orden Hospitalaria de Nuestro Glorioso Padre San Juan de Dios*, Madrid, Imprensa del Asilo de Huérfanos del Sagrado Corazón de Jesús, 1899 (Traduzido do original de 1890).
- PAIVA, José Pedro (coord.), *Portugaliae Monumenta Misericordiarum/Vol. 5: Reforço da interferência régia e elitização: o governo dos Filipes*, Lisboa, Centro de Estudos de História Religiosa da Faculdade de Teologia - Universidade Católica Portuguesa, União das Misericórdias Portuguesas, 2006.
- PEREIRA, Ana Leonor, “A Institucionalização da Loucura em Portugal”, em *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 21 (1986), pp. 85-100.
- PEREIRA, Pedro Teixeira; GOMES, Eva & MARTINS, Olga, “A Alienação no Porto: o Hospital de Alienados do Conde de Ferreira (1883-1908)”, em *Revista da Faculdade de Letras do Porto*, 8 (2005), pp. 99-128.
- PULIDO, Francisco Martins, *Relatório sobre a Organização do Hospital de Alienados em Rilhafoles*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1851.

*Registo do testamento com que faleceu Maria da Conceição Barbosa, enfermeira do Hospital de Alienados do Conde de Ferreira* [Manuscrito], cota A-PUB/5159 - f. 8v-12, consultado no Arquivo Municipal do Porto.

RODRIGO, José, *Prontuario del Enfermero*, Madrid, Imprenta y Librería de Nicolás Moya, 1891.

OLIVEIRA, Christóvão Rodrigues de, “Sumário, em que brevemente se contém algumas coisas assim eclesiásticas, como seculares, que há na cidade de Lisboa / por Cristóvão Rodrigues de Oliveira, guarda-roupa do arcebispo de Lisboa e capelão mór do Rei D. João III adicionado; por Manuel da Conceição. Lisboa: Oficina de Miguel Rodrigues, impressor do Emin. Senhor Cardeal Patriarca; 1755”, URL: [https://digitalis-dsp.uc.pt/html/10316.2/9499/item1\\_index.html](https://digitalis-dsp.uc.pt/html/10316.2/9499/item1_index.html). Consultado a 10 de abril de 2020.

SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DO PORTO, *Correspondência Recebida 2.º Semestre de 1883* [Manuscrito], cota 955, consultado na Casa da Prelada - Arquivo da Santa Casa da Misericórdia do Porto.

SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DO PORTO, *Folha dos Ordenados e Soldadas das Enfermarias e Pharmacia no Mez de Junho de 1906* [Manuscrito], sem cota, consultado na Biblioteca do Centro Hospitalar Conde Ferreira.

SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DO PORTO, *Livro de Admissão Definitiva - Colocação Voluntaria (Mulheres)* [Manuscrito], sem cota, consultado na Biblioteca do Centro Hospitalar Conde Ferreira.

SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DO PORTO, *Livro Registro do Pessoal d'enfermagem da Misericórdia Agraciado com Medalhas e Gratificações nos Termos do Regulamento Aprovado por Despacho Ministerial de 21 de Outubro de 1901* [Manuscrito], cota I-3-20, consultado na Casa da Prelada - Arquivo da Santa Casa da Misericórdia do Porto.

SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DO PORTO, *Processo Clínico n.º 8* [Manuscrito], sem cota, consultado na Biblioteca do Centro Hospitalar Conde Ferreira.

SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DO PORTO, *Regulamento Geral do Hospital de Alienados do Conde de Ferreira*, Porto, Santa Casa da Misericórdia do Porto, 1883.

SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DO PORTO, *Regulamento Geral do Hospital de Alienados do Conde de Ferreira*, Porto, Santa Casa da Misericórdia do Porto, 1891.

SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DO PORTO, *Relatorio da Gerencia da Commissão Administrativa da Santa Casa Da Misericordia no Porto*, Porto, Typographia do Jornal do Porto, 1884.

SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DO PORTO, *Relatorio dos Actos da Meza da Santa Casa da Misericórdia do Porto*, Porto, Typographia de Antonio José da Silva Teixeira, 1884.

SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DO PORTO, *Relatorio dos Actos da Mesa da Santa Casa da Misericórdia do Porto*, Porto, Typographia de Antonio José da Silva Teixeira, 1885.

SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DO PORTO, *Relatorio dos Actos da Mesa da Santa Casa da Misericórdia do Porto*, Porto, Typographia de Antonio José da Silva Teixeira, 1886.

SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DO PORTO, *Relatorio dos Actos da Mesa da Santa Casa da Misericórdia do Porto*, Porto, Typographia de Antonio José da Silva Teixeira, 1887.

SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DO PORTO, *Relatorio dos Actos da Mesa da Santa Casa da Misericórdia no Porto*, Porto, Typographia de Antonio José da Silva Teixeira, 1888.

SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DO PORTO, *Relatorio dos Actos da Mesa da Santa Casa da Misericórdia do Porto*, Porto, Typographia de A. J. da Silva Teixeira, 1889.

SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DO PORTO, *Relatorio dos Actos da Mesa da Santa Casa da Misericórdia do Porto*, Porto, Typographia de Antonio José da Silva Teixeira, 1890.

SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DO PORTO, *Relatorio dos Actos da Mesa da Santa Casa da Misericórdia do Porto*, Porto, Typographia de Antonio José da Silva Teixeira, 1891.

SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DO PORTO, *Relatorio dos Actos da Mesa da Santa Casa da Misericórdia do Porto*, Porto, Typographia de Antonio José da Silva Teixeira, 1892.

SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DO PORTO, *Relatorio dos Actos da Mesa da Santa Casa da Misericórdia do Porto*, Porto, Typographia de Antonio José da Silva Teixeira, 1893.

SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DO PORTO, *Relatorio dos Actos da Mesa da Santa Casa da Misericórdia do Porto*, Porto, Typographia de Antonio José da Silva Teixeira, 1894.

SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DO PORTO, *Relatorio dos Actos da Mesa da Santa Casa da Misericórdia do Porto*, Porto, Typographia de Arthur José de Souza & Irmão, 1895.

SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DO PORTO, *Relatorio dos Actos da Mesa da Santa Casa da Misericórdia do Porto*, Porto, Typographia a Vapor de Arthur José de Souza & Irmão, 1896.

SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DO PORTO, *Relatorio dos Actos da Mesa da Santa Casa da Misericórdia do Porto*, Porto, Typographia a Vapor de Arthur José de Souza & Irmão, 1897.

SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DO PORTO, *Relatorio dos Actos da Mesa da Santa Casa da Misericórdia do Porto*, Porto, Typographia a Vapor de Arthur José de Souza & Irmão, 1898.

- SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DO PORTO, *Relatorio dos Actos da Mesa da Santa Casa da Misericórdia do Porto*, Porto: Typographia a Vapor de Arthur José de Sousa & Irmão, 1899.
- SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DO PORTO, *Relatorio dos Actos da Mesa da Santa Casa da Misericórdia do Porto*, Porto, Typographia a Vapor de Arthur José de Souza & Irmão, 1900.
- SANTOS, Elvin H. & STAINBROOK, Edward, “A History of Psychiatric Nursing in the Nineteenth Century”, em *Journal of the History of Medicine and Allied Sciences*, 1 (1949), pp. 48-74.
- SANTOS, Maria Inês Oliveira Antunes dos. *Relatório de Estágio Curricular: Tratamento do Arquivo da Província da Ordem Hospitaleira de S. João de Deus de 1921*, Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, 2020
- OLIVEIRA, Sandra Santos de, “Trechos da História da Loucura”, em *Interações*, 3 (2002), pp. 106-120
- SENA, António Maria de, *Os Alienados em Portugal, I – História e Estatística, II - Hospital do Conde de Ferreira*, Lisboa, Ulmeiro, 2003 (Original publicado em 1884).
- SENA, António Maria de, *Relatorio do Serviço Medico e Administrativo do Hospital do Conde de Ferreira Relativo ao Primeiro Biennio (1883-1885)*, Porto, Typographia Occidental, 1887.
- SILES, José, CIBANAL, Luis, VIZCAYA, Flores, SOLANO, Carmen, GARCÍA, Encarnación & GABALDÓN, Eva, "De la Custodia a los Cuidados: una Perspectiva Histórica de la Enfermería en Salud Mental", *Cultura de los Cuidados*, 9 (2001), pp. 27-33.
- SILVA, Helena da, “Influências Estrangeiras nos Hospitais Portugueses. O Caso da Enfermagem Religiosa (Finais do Século XIX)”, em *Revista do CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço & Memória»*, 5 (2014), pp. 63-75.

- SILVA, Helena da, “Percurso e Desafios de uma Investigação sobre a História da Profissão de Enfermagem em Portugal (Séc. XIX-XX)”, em *Pensar Enfermagem*, 2 (2015), pp. 68-84.
- SUBTIL, Carlos & VIEIRA, Margarida, “Funções e Condições de Trabalho de um Enfermeiro no Hospital de S. José (Meados do Século XIX)”, em *Revista de Enfermagem Referência*, 5 (2011), pp. 181-190.
- TRENERY, Claire & HORDEN, Peregrine, “Madness in the Middle Ages”, em Greg Eghigian (eds.), *The Routledge History of Madness and Mental Health*, Londres, Routledge, 2017, pp. 62-80.
- TUCKER, George A., *Lunacy in Many Lands*, Sydney, Charles Potter, Government Printer, 1887.
- TUKE, Samuel, *Description of The Retreat, an Institution near York, for Insane Persons of the Society of Friends. Containing an Account of its Origin and Progress, the Modes of Treatment, and a Statement of Cases*, Filadélfia, Isaac Peirce, 1813.